



# PUC - Rio

# VESTIBULAR 2024

1º DIA  
TARDE  
GRUPOS  
1, 3, 4 e 5

Outubro / 2023

## PROVA OBJETIVA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PROVAS DISCURSIVAS DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA E DE REDAÇÃO

### LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

- 01 - O candidato recebeu do fiscal o seguinte material:
- este Caderno, com o enunciado das 10 questões objetivas de **LÍNGUA ESTRANGEIRA**, das 5 questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA**, sem repetição ou falha, e o **tema da Redação**;
  - um **CARTÃO-RESPOSTA**, com seu nome e número de inscrição, destinado às respostas das questões objetivas formuladas na prova de **LÍNGUA ESTRANGEIRA** (conforme opção na inscrição), grampeado a um **CADERNO DE RESPOSTAS**, contendo espaço para desenvolvimento das respostas às questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA**, e à folha para o desenvolvimento da **Redação**.
- 02 - O candidato deve verificar se este material está em ordem e se o seu nome e o número de inscrição conferem com os que aparecem no **CARTÃO-RESPOSTA**. Caso não esteja nessas condições, o fato deve ser **IMEDIATAMENTE** notificado ao fiscal.
- 03 - Após a conferência, o candidato deverá assinar, no espaço próprio do **CARTÃO-RESPOSTA**, com **caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta**.
- 04 - No **CARTÃO-RESPOSTA**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos, com **caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta**, de forma contínua e densa. A leitura ótica do **CARTÃO-RESPOSTA** é sensível a marcas escuras; portanto, os campos de marcação devem ser preenchidos completamente, sem deixar claros.
- Exemplo: (A) ● (C) (D) (E)
- 05 - O candidato deve ter muito cuidado com o **CARTÃO-RESPOSTA**, para não o **DOBRAR, AMASSAR ou MANCHAR**. O **CARTÃO-RESPOSTA** somente poderá ser substituído se, no ato da entrega ao candidato, já estiver danificado.
- 06 - Para cada uma das questões objetivas são apresentadas 5 alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); só uma responde adequadamente ao quesito proposto. O candidato só deve assinalar **UMA RESPOSTA**: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **MESMO QUE UMA DAS RESPOSTAS ESTEJA CORRETA**.
- 07 - As questões são identificadas pelo número que se situa acima de seu enunciado.
- 08 - **SERÁ ELIMINADO** do Concurso Vestibular o candidato que:
- for surpreendido, durante as provas, em qualquer tipo de comunicação com outro candidato;
  - portar ou usar, durante a realização das provas, aparelhos sonoros, fonográficos, de comunicação ou de registro, eletrônicos ou não, tais como agendas, relógios de qualquer natureza, *notebook*, transmissor de dados e mensagens, máquina fotográfica, telefones celulares, *paggers*, microcomputadores portáteis e/ou similares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
  - se ausentar da sala em que se realizam as provas levando consigo este **CADERNO DE QUESTÕES e/ou o CADERNO DE RESPOSTAS e/ou a folha para o desenvolvimento da Redação e/ou o CARTÃO-RESPOSTA**;
  - não assinar a Lista de Presença e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**.
- Obs.:** Iniciadas as provas, o candidato só poderá se ausentar do recinto das provas após **60 (sessenta) minutos** contados a partir do efetivo início das mesmas.
- 09 - O candidato deve reservar os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu **CARTÃO-RESPOSTA**. Os rascunhos e as marcações assinaladas no **CADERNO DE QUESTÕES NÃO SERÃO LEVADOS EM CONTA**.
- 10 - O candidato deve, ao terminar as provas, entregar ao fiscal o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado ao **CADERNO DE RESPOSTAS** e à folha com o desenvolvimento da **Redação** e este **CADERNO DE QUESTÕES e ASSINAR a LISTA DE PRESENÇA**.
- 11 - **O TEMPO DISPONÍVEL PARA ESTAS PROVAS DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISCURSIVAS, BEM COMO DE REDAÇÃO, É DE 4 (QUATRO) HORAS.**

**BOAS PROVAS!**

**RASCUNHO**

## LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS

**Smart buildings: What happens to our free will when tech makes choices for us?**

- 1 Smart buildings, which are central to the concept of smart cities, are a new generation of buildings in which technological devices, such as sensors, are embedded in the structure of the buildings themselves. Smart buildings promise to personalize the experiences of their occupants by using real-time feedback mechanisms and forward-looking management of interactions between humans and the built environment.
- 2 This personalization includes continuous monitoring of the activities of occupants and the use of sophisticated profiling models. While these issues spark concerns about privacy, this is a matter of not seeing the forest for the trees. The questions raised by the massive arrival of digital technologies in our living spaces go far beyond this.
- 3 Thanks to ubiquitous computing, interactions between building occupants and nested technology are quiet and invisible. As a result, the occupants' attention is never drawn to the massive presence of computers operating permanently in the background.
- 4 Personalization allows us, for example, to have the ideal temperature and brightness in our workspace at all times. This would be idyllic if this personalization did not come at a cost to the occupants, namely their freedom of action and, more fundamentally, their free will.
- 5 As technology increasingly mediates our experiences in the built environment, choices will be offered to us, or even imposed on us, based on the profile the building's technology device models have created of us in function of the goals, mercantile or otherwise, of those who control them (such as technology companies).
- 6 Having the ability to decide either to do something or not, and to act accordingly, is a basic definition of freedom. Smart buildings challenge this freedom by interfering with our ability to act, and more fundamentally, with our ability to decide for ourselves. Is freedom of action even possible for the occupants of a building where interactions between humans and their built environment are produced using algorithms that are never neutral?
- 7 The 17th-century English philosopher John Locke's famous analogy of the locked room sheds light on this question. Suppose a sleeping man is transported to a room where, upon awakening, he is engaged in activities that bring him great satisfaction, such as chatting with a long-lost friend. Unbeknown to him, the door of the room is locked. Thus, he cannot leave the room if he wants to. He is therefore not free,

- even though he voluntarily remains in the room and gets extreme satisfaction from what he is doing there.
- 8 Locke's analysis reflects the situation of smart building occupants. They benefit from the personalization of their experiences from which they derive great satisfaction. However, once they enter a space, technology controls their interactions outside of their awareness. While they may want to stay in the building to enjoy personalized experiences, they are not free. Smart buildings are a high-tech version of Locke's locked room.
- 9 Indeed, what can be said about our free will when choices are made for us by technology? An action is something we do actively, as opposed to things that happen to us in a passive way. Also, the active will to perform an action differs from the passive desire for an act to be done.
- 10 While algorithms are concerned with the predictability of human behaviour, things happen passively to the occupants of smart buildings. Their role is limited to receiving stimuli whilst the invisibility of the technology maintains their illusion that they have sole control over their actions.
- 11 So, should we prohibit, or at least regulate, the technology embedded in smart buildings? The answer to this question takes us back to the very origins of Western democracy. Long before the Big Tech companies, the Greek Socrates was concerned with the nature of an ideal city. In Plato's *The Republic*, Socrates explains that the difference between a city where citizens have all the luxuries and a city without luxuries, which he calls "a city fit for pigs," is the ability of the residents of the former to choose their way of life, unlike the residents of the latter where this choice is simply not possible.
- 12 Smart cities are the digital version of the luxury cities of antiquity. However, without granting their residents the ability to make informed choices about technology, they provide satisfaction at the expense of their rights. To avoid building an entire environment according to the philosophy of pigs, smart building occupants should retain the legally defined right to decide for themselves the role of technology in their living spaces. Only then can their freedom be respected.

Available at: <https://theconversation.com/smart-buildings-what-happens-to-our-free-will-when-tech-makes-choices-for-us-189285>. Retrieved on: June 17, 2023.

1

The communicative intention of the text is to

- (A) praise the advancement of technology and its application in contemporary architecture.
- (B) encourage the construction of more smart buildings in the big cities all over the world.
- (C) defend the idea that smart buildings can imply some loss in individual freedom.
- (D) establish a parallel between Big Tech companies and the construction industry.
- (E) state that smart buildings encourage their inhabitants' free will.

2

In the fragment "this is a matter of not seeing the forest for the trees" (paragraph 2), the expression **not seeing the forest for the trees** means that

- (A) in smart cities trees are generally of no importance.
- (B) city dwellers are more interested in trees than in the complete environment.
- (C) society are incapable of analyzing details due to a strong concern with general impressions.
- (D) trees and forests cannot grow in cities where technology controls most of people's actions.
- (E) people are unable to get a general understanding of a situation because they are too worried about its details.

3

Based on the fourth paragraph of the text, one can infer that, regarding smart buildings, the author believes that

- (A) the control of the house temperature and brightness is possible only in dreams.
- (B) smart buildings are a dream that contemporary architecture cannot help come true.
- (C) the cost of smart homes is too high and most people can only dream about having one.
- (D) only in dreams would the personalization of homes not impact their occupants' free will.
- (E) the personalization of homes is beneficial to their occupants' freedom of action.

4

By establishing a comparison between smart buildings and John Locke's "locked room", the author conveys the idea that

- (A) in both spaces the occupants experience a fantasy of freedom, but have their actions limited.
- (B) both the English philosopher and Big Tech companies are worried about our free individualities.
- (C) John Locke would be an enthusiast of smart buildings if he were alive to see one.
- (D) technology and philosophy are always engaged in making a better world.
- (E) Locke's "locked room" was literally a smart building.

5

Based on paragraph 11, **the former** refers to

- (A) Western democracy
- (B) a city with luxuries
- (C) a city fit for pigs
- (D) a city without luxuries
- (E) Big Tech companies

6

The word in **boldface** conveys an idea of conclusion in

- (A) "**While** these issues spark concerns about privacy" (paragraph 2).
- (B) "He is **therefore** not free" (paragraph 7).
- (C) "**However**, once they enter a space" (paragraph 8).
- (D) "**Also**, the active will to perform an action differs from the passive desire for an act to be done" (paragraph 9).
- (E) "Their role is limited to receiving stimuli **whilst** the invisibility of the technology maintains their illusion" (paragraph 10)

7

Concerning the vocabulary used in the text, one may affirm that

- (A) "embedded" (paragraph 1) can be replaced by *detached*.
- (B) "spark" (paragraph 2) and *reduce* express similar ideas.
- (C) "ubiquitous" (paragraph 3) and *scarce* express opposing ideas.
- (D) "derive" (paragraph 8) and *obtain* are antonyms.
- (E) "sole" (paragraph 10) cannot be replaced by *exclusive*.

8

In paragraph 10, the pronoun **their** in "... the invisibility of the technology maintains **their** illusion that they have sole control over their actions" refers to

- (A) things
- (B) stimuli
- (C) buildings
- (D) algorithms
- (E) occupants

9

In the passage "While they **may** want to stay in the building to enjoy personalized experiences, they are not free" (paragraph 8), the verb form **may** conveys an idea of

- (A) possibility
- (B) obligation
- (C) necessity
- (D) urgency
- (E) advice

RASCUNHO

10

In the last paragraph, the statement “Only then can their freedom be respected” (paragraph 12) implies that the author defends the idea that

- (A) there is no possibility of being completely free and living in a smart home.
- (B) if people read Plato and Locke, they will make more informed choices about technology.
- (C) only the total banishment of smart buildings in modern cities will allow individuals to have their freedom respected.
- (D) smart buildings will only work for everyone if their occupants prioritize immediate satisfaction over individual freedom.
- (E) if occupants of smart buildings have their rights to make informed choices about technology preserved, their freedom will be more protected.

## LÍNGUA ESTRANGEIRA - ESPANHOL

## Vivir juntos

- 1 Muchos amamos las ciudades. Ellas contienen y representan lo que fuimos y lo que queremos ser. Acogen la diversidad planetaria y en ellas se produce una parte sustancial del conocimiento y la cultura. Para lo bueno y para lo malo, nos representan. Por muy alejados que se pueda vivir, condicionan la vida y el devenir de la humanidad. Cíclicamente, la ciudad se rebela y exige su reconsideración. [...]
- 2 El mensaje comunicado por los expertos a finales del siglo XX de que en 2030 el 70% de la población mundial viviría en ciudades era una voz de alarma por lo que suponía de reacomodo atropellado de la instalación de la humanidad sobre el planeta con graves consecuencias. Sin embargo, en un mundo que ya entonces no concebía otra forma de progreso que el crecimiento de tamaño se ha venido repitiendo el mantra de este augurio como la promesa de un acceso a un mercado de trabajo estable y a una educación y salud de mejor calidad que la de los núcleos pequeños. En 2021, la mayoría de los países más urbanizados de la UE, incluida España, ya han rebasado esa proporción. En el caso de España, la magnitud del escenario es preocupante: Madrid y Barcelona concentran la cuarta parte de la población del territorio nacional y la huida del campo a las ciudades ha decretado no solo el fenómeno dramático de la España vaciada, sino la decadencia de una buena cantidad de capitales de provincia de tamaño medio que no pueden contener el drenaje de su censo hacia los grandes núcleos poblacionales, con lo que ello significa de deterioro del mapa social y de fuga del talento esencial para mantener el bienestar de unos entornos que podrían ofrecer una satisfactoria calidad de vida a sus habitantes. Mientras tanto, las ciudades más pobladas acumulan barrios periféricos que son el espejo de la desigualdad, construyendo un mapa que hace demasiado evidentes los privilegios de unos y el recorrido limitado del progreso prometido a otros. La lucha contra esa condición segregada que parece inherente a la ciudad actual es el principal reto que tenemos. Si se trata de vivir juntos, es crucial reducir esa brecha y diseñar ciudades para una convivencia real y comprometida. Este no es un proyecto solo de los arquitectos y planificadores, es un asunto colectivo que debería ser formulado como la mayor ambición política de nuestro tiempo pues contiene todas las preocupaciones que atraviesan el presente: justicia social y reconocimiento del otro, cambio climático y calidad medioambiental, el papel de las nuevas tecnologías y la revolución en las formas de trabajo, entre otras muchas. [...]
- 3 Por encima del proyecto habitual de la construcción y la corrección de edificios, renovar los

RASCUNHO



barrios es el siguiente campo de acción con enorme potencial político, social y doméstico. Las nuevas demandas en materia de regeneración energética, calidad del espacio público, preponderancia del peatón sobre el automóvil y accesibilidad universal precisan de unos proyectos especializados que sugieren que, si bien la ciudad se hace edificio a edificio, quizás se debería actualizar barrio a barrio acometiendo grandes proyectos de recualificación de fragmentos urbanos de cierto tamaño. [...]

4 En el diseño de la ciudad del futuro será necesario integrar la justicia social, convertida en los últimos años en una pieza clave del rompecabezas del deseo de vivir juntos. Su implementación práctica está aún en formación, pero al menos se ha instalado la consciencia de que la componente feminista, trans, racial y las reclamaciones de todos los colectivos cuyo desarrollo pleno no es posible frente a los límites que imponen los privilegios de unos sobre otros deben ser integrados sin más demora en el proyecto de la nueva ciudad. Estremece mencionar que hay en este momento alrededor de 280 millones de personas migrando en el planeta cuyo destino mayoritario serán las ciudades. La dimensión de las transformaciones que será necesario acometer para vivir juntos, más allá de las leyes y los cambios insoslayables de los patrones de comportamiento, solicita activar cambios físicos del medio que habitamos de manera que nadie se sienta excluido, amenazado o simplemente temeroso del otro. [...]

5 Ha llegado el momento de implementar la ciudad de los ciudadanos y el colofón de estar atentos a las necesidades diversas de las personas. [...] No es posible volver la cara e ignorar la sensación de que el progreso, al que no se le pueden negar sus ingredientes positivos, está regido en cierta medida por las fuerzas de la economía y, por qué no decirlo, de ciertas formas de codicia que tienen consecuencias físicas que afectan a la vida de las personas. Por eso hay tantas voces que reclaman una discusión profunda sobre el asunto, porque la transformación de las ciudades parece en muchos casos estar conducida por vectores sueltos que no buscan la coherencia y el equilibrio a corto, medio y largo plazo que demanda el proyecto colectivo de la ciudad para todos, sino el éxito inmediato.

HERREROS, Juan. Vivir juntos. In: El País Semanal [online]. España, 2021.  
 Disponible en: <https://elpais.com/eps/2021-05-27/las-ciudades-nos-representan.html/>. Acceso: el 17 jun, 2023. Adaptado.

1

El objetivo del artículo es

- (A) informar sobre los países urbanizados de la UE.
- (B) discutir sobre leyes y estrategias medioambientales.
- (C) criticar los expertos en planificación arquitectónica.
- (D) promover nuevos movimientos de migración rural.
- (E) reflexionar sobre proyectos urbanos más humanizados.

2

En el fragmento “**acogen** la diversidad planetaria” (párrafo 1) el verbo **acoger** tiene la misma significación de

- (A) renegar
- (B) lastimar
- (C) albergar
- (D) censurar
- (E) juzgar

3

Según el texto, el impacto negativo sobre las ciudades se debe a

- (A) la falta de diversidad entre sus habitantes.
- (B) la excesiva concentración poblacional.
- (C) la consciencia de la componente feminista.
- (D) la preponderancia de rebeldes peatones.
- (E) los patrones de comportamiento igualitarios.

4

La locución destacada en “**mientras tanto**, las ciudades más pobladas acumulan barrios periféricos” (párrafo 2) expresa la idea de

- (A) lugar
- (B) causa
- (C) modo
- (D) tiempo
- (E) duda

5

De acuerdo con el autor, la implementación de la “ciudad de los ciudadanos” presupone

- (A) que nadie se sienta excluido o temeroso del otro.
- (B) restringir los privilegios de los mayores.
- (C) que España limite el número de sus habitantes.
- (D) el reacomodo desordenado de inmigrantes.
- (E) menospreciar las provincias de tamaño medio.

6

En el tercer párrafo, los términos destacados en “**por encima** del proyecto habitual de la construcción” y “**quizás** se debería actualizar barrio a barrio” podrían sustituirse respectivamente por

- (A) superior a / indudablemente
- (B) principalmente / por lo general
- (C) a pesar de / a lo mejor
- (D) superficialmente / junto a
- (E) por si acaso / seguramente

7

Tras leer el texto, se puede afirmar que

- (A) en la mayoría de las ciudades del futuro no habrá automóviles.
- (B) Madrid concentra la cuarta parte de la población española.
- (C) solo en los pueblos se puede lograr el bienestar de los habitantes.
- (D) hay poca gente preocupada con la recualificación urbana.
- (E) la justicia social es fundamental para vivir bien en las ciudades.

8

En la oración del párrafo 4 “su implementación práctica está **aún** en formación” el adverbio en negrita se puede reemplazar por

- (A) todavía
- (B) además
- (C) tal vez
- (D) aunque
- (E) luego

9

Marque la única opción que presenta la correspondencia semántica correcta, sin alteración del sentido contextual, entre la palabra destacada y lo que se propone entre paréntesis.

- (A) párrafo 1: “condicionan la vida y el **devenir** de la humanidad” (pasado)
- (B) párrafo 2: “el fenómeno dramático de la España **vaciada**” (superpoblada)
- (C) párrafo 3: “preponderancia del **peatón** sobre el automóvil” (pasajero)
- (D) párrafo 4: “los cambios **insoslayables** de los patrones” (inevitables)
- (E) párrafo 5: “el **colofón** de estar atentos a las necesidades” (desprecio)

10

Para alcanzar el buen vivir juntos se propone

- (A) la segregación racial en los barrios periféricos.
- (B) diseñar ciudades para una convivencia comprometida.
- (C) la sustitución de los grandes edificios por casas ajardinadas.
- (D) volver la cara e ignorar las nuevas y actuales tecnologías.
- (E) el reconocimiento de la ineficacia de censo poblacional.

RASCUNHO



**PROVA DISCURSIVA  
DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA**

**Texto I**

Fruto da imaginação e do trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza.

Ela nasce com o processo de sedentarização e seu aparecimento delimita uma nova relação homem/natureza: para fixar-se em um ponto para plantar é preciso garantir o domínio permanente de um território.

Imbricada, portanto, com a natureza mesma da cidade está a organização da vida social e conseqüentemente a necessidade de gestão da produção coletiva. Indissociável da existência material da cidade está sua existência política.

Desde sua origem, como local cerimonial, é na cidade também que se localizam os templos, onde moram os deuses capazes de garantir o domínio sobre o território e a possibilidade de gestão de vida coletiva.

Centro e expressão de domínio sobre um território, sede do poder e da administração, lugar da produção de mitos e símbolos — não estariam estas características ainda presentes nas metrópoles contemporâneas? Cidades da era eletrônica, não seriam suas torres brilhantes de vidro e metal os centros de decisão dos destinos do Estado, país ou planeta? Não seriam seus *outdoors*, vitrinas e telas de TV os templos dos novos deuses?

Certo, não há mais muralhas; ao contrário da cidade antiga, a metrópole contemporânea se estende ao infinito, não circunscreve nada senão sua potência devoradora de expansão e circulação. Ao contrário da cidade antiga, fechada e vigiada para defender-se de inimigos internos e externos, a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação. São fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** – São Paulo: Brasiliense, 1988. p.7-9. Adaptado.

**Questão 1 (Valor: 2,0 pontos)**

a) De acordo com o Texto I, explique, com suas próprias palavras, a relação entre o aparecimento da cidade e o processo de sedentarização.

---

---

---

---

b) Explique a diferença de sentido entre as duas ocorrências da palavra “natureza” nos trechos abaixo, transcritos do Texto I.

- “[...] a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza”. (1º parágrafo)
- “Imbricada, portanto, com a natureza mesma da cidade está a organização da vida social”. (3º parágrafo)

---

---

---



**Texto II**

O contexto de formação dos espaços centrais das cidades modernas resulta, como se sabe, dos processos históricos de expansão das próprias cidades, na conjuntura mais ampla do decurso da industrialização. É somente quando outras áreas surgem alternativamente ao centro que é possível atribuir centralidade a alguma parte da cidade: seja pelas características geográficas da ocupação do território, seja pelo reconhecimento dos sentidos propriamente históricos dessa parte ou, ainda, seja pela relevância da sua funcionalidade para o resto da cidade. Entende-se, portanto, que nenhuma área da cidade é originalmente histórica ou central. Os centros não são históricos por si mesmos: eles se tornam históricos à medida que adquirem essa atribuição de valor. Sabe-se que, paradoxalmente, os centros “históricos” só passam a ser denominados dessa forma justamente quando perdem, em menor ou maior extensão, aquelas funções que os fizeram, outrora, ser reconhecidos como um espaço central da cidade. Em outras palavras: o centro histórico nasce quando, em certa medida, ele morre enquanto centralidade.

O predomínio das atividades financeiras e administrativas em determinadas áreas centrais das cidades marcou boa parte dos processos históricos de ocupação dos territórios urbanos na modernidade e tornou essas áreas centrais em núcleos operacionais das atividades que criaram o modo de vida típico da metrópole. Além de serem as áreas mais habitadas, eram também as regiões com maior concentração de atividades comerciais, políticas e administrativas. O processo de reordenamento espacial das metrópoles, que resultou no conhecido movimento centrífugo de expansão das cidades em direção aos subúrbios, começou e se consolidou com o processo de industrialização. Embora essa fosse uma velha ideia desde as primeiras reflexões acerca da vida urbana moderna, foi sobretudo a partir da cidade industrial que começaram os esforços reflexivos e práticos sobre os demais espaços da cidade, para além de suas áreas centrais. A criação dos bairros operários, a exemplo das paradigmáticas experiências de Londres e Manchester do século XIX, fez surgir as primeiras críticas à vida suburbana das cidades, que ressaltavam a segregação e as mortes dos operários nos bairros insalubres dessas metrópoles industriais emergentes.

Ao tempo em que a cidade expandia suas atividades econômicas para as áreas periféricas, as regiões centrais foram perdendo importância e, naturalmente, recursos e interesse dos poderes públicos. Nessa nova configuração urbana, a consequência mais evidente foi justamente a gradual deterioração dos equipamentos urbanos e do estoque edificado dessas regiões centrais. É nesse sentido que as antigas áreas centrais da cidade vão ganhando importância histórica à medida que vão perdendo sua capacidade urbana de se manter funcionais para a cidade industrial.

Adaptado de LEITE, R. P.; CORRÊA, S. R. M.. Centros históricos no Brasil: um olhar a partir do censo demográfico. **Cadernos Metrópole**, 25(57), 2023. p. 443-466. <https://www.scielo.br/j/cm/a/B4mGRsnfGkR73dGcXjfVjgf/?lang=pt> Acesso em: 18 jun. 2023.

**Questão 2 (Valor: 2,0 pontos)**

a) Explique, com suas próprias palavras, por que, de acordo com o Texto II, “o centro histórico nasce quando, em certa medida, ele morre enquanto centralidade”.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

RASCUNHO

(Continua)

**Questão 2 (continuação)**

b) Sobre o fragmento abaixo, transcrito do Texto II, faça o que se pede em i e ii.

“Embora essa fosse uma velha ideia desde as primeiras reflexões acerca da vida urbana moderna, foi sobretudo a partir da cidade industrial que começaram os esforços reflexivos e práticos sobre os demais espaços da cidade, para além de suas áreas centrais”. (2º parágrafo)

i. Identifique o referente do pronome sublinhado nesse trecho.

i. \_\_\_\_\_

ii. Indique o valor semântico da palavra “desde”.

ii. \_\_\_\_\_

**Questão 3 (Valor: 2,0 pontos)**

a) No último parágrafo do Texto I, no trecho “não há mais muralhas”, há indicação de que houve uma mudança quanto à demarcação das cidades antigas e das cidades atuais.

Transcreva do trecho entre aspas a palavra que indica ter ocorrido tal mudança.

\_\_\_\_\_

b) Do fragmento a seguir, transcreva a palavra que determina a concordância da forma verbal **ressaltavam**.

A criação dos bairros operários, a exemplo das paradigmáticas experiências de Londres e Manchester do século XIX, fez surgir as primeiras críticas à vida suburbana das cidades, que **ressaltavam** a segregação e as mortes dos operários nos bairros insalubres dessas metrópoles industriais emergentes.

\_\_\_\_\_

c) Reescreva o trecho abaixo, substituindo a palavra **centros** por **regiões centrais**. Faça as alterações necessárias.

Os centros não são históricos por si mesmos: eles se tornam históricos à medida que adquirem essa atribuição de valor.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Texto III**

A primeira vez que vim ao Rio de Janeiro foi em 1855. Poucos dias depois da minha chegada, um amigo e companheiro de infância, o Dr. Sá, levou-me à festa da Glória; uma das poucas festas populares da corte. Conforme o costume, a grande romaria desfilando pela Rua da Lapa e ao longo do cais, serpejava nas faldas do outeiro e apinhava-se em torno da poética ermida, cujo âmbito regurgitava com a multidão do povo.

Era ave-maria quando chegamos ao adro; perdida a esperança de romper a mole de gente que murava cada uma das portas da igreja, nos resignamos a gozar da fresca viração que vinha do mar, contemplando o delicioso panorama da baía e admirando ou criticando as devotas que também tinham chegado tarde e pareciam satisfeitas com a exibição de seus adornos.

Enquanto Sá era disputado pelos numerosos amigos e conhecidos, gozava eu da minha tranquila e independente obscuridade, sentado comodamente sobre a pequena muralha e resolvido a estabelecer ali o meu observatório. Para um provinciano recém-chegado à corte, que melhor festa do que ver passar-lhe pelos olhos, à doce luz da tarde, uma parte da população desta grande cidade, com os seus vários matizes e infinitas gradações?

Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando a seda e a casimira pela baeta ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do havana às acres baforadas do cigarro de palha.

– É uma festa filosófica essa festa da Glória! Aprendi mais naquela meia hora de observação do que nos cinco anos que acabava de desperdiçar em Olinda com uma prodigalidade verdadeiramente brasileira.

A lua vinha assomando pelo cimo das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição.

ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Ática, 1988, p.12-13.

**Questão 4 (Valor: 2,0 pontos)**

- a) Todos os elementos que fazem parte da estrutura narrativa tradicional de um romance estão presentes no Texto III. A partir dessa constatação, determine o foco narrativo utilizado por Alencar em *Lucíola*.

---

- b) A partir da leitura do Texto III, determine o estilo de época a que ele pertence, destacando dois aspectos que confirmam a sua resposta.

---

---

---

---

**Texto IV****Evocação do Recife**  
(fragmento)

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois

— Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa  
[de dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, mexericos, namoros,  
[risadas

A gente brincava no meio da rua

(...)

Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame de Dr. Fulano de Tal)

Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...

...onde se ia fumar escondido

Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...

...onde se ia pescar escondido

Capiberibe

— Capibaribe

(...)

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem

Terras que não sabia onde ficavam

Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...

Meu avô morto.

Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973, p.114-117.

**Questão 5 (Valor: 2,0 pontos)**

a) Indique o gênero literário predominante no Texto IV.

---

b) Determine duas características da poesia modernista presentes no poema de Manuel Bandeira.

---

---

RASCUNHO

RASCUNHO



**REDAÇÃO**

Segundo Alvaro Ferreira, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), “inúmeros projetos de ‘revitalização’ ou de ‘renovação urbana’ têm sido implementados em inúmeras cidades do mundo” e “os resultados têm gerado o que os pesquisadores denominaram de gentrificação. Entretanto, há um intenso debate acerca da utilização desse termo, alguns criticando o seu uso indiscriminado e outros acreditando ser necessário complexificar o conceito.” Em um artigo publicado, o professor-pesquisador se propõe “rediscutir as definições e o uso da expressão gentrificação”, partindo da “hipótese de que a gentrificação não é um efeito colateral ou uma catástrofe natural; a gentrificação é planejada”.

A proposta desta prova de redação é convidar você a participar desse debate, explicitando **o que você entende por gentrificação e como ela tem/não tem acontecido na cidade do Rio de Janeiro**, escrevendo um texto dissertativo-argumentativo de cerca 25 linhas.

Os trechos, abaixo transcritos, são fragmentos do artigo citado<sup>1</sup>. Além disso, os demais textos desta prova podem servir de inspiração para a discussão do assunto e podem ser mencionados na sua redação, desde que devidamente feita a referência. **Dê um título sugestivo ao seu texto.**

A expressão gentrificação nasce do termo inglês “gentrification”, cunhado por Ruth Glass (1963), para esclarecer o repovoamento, por famílias de classe média, que vinha acontecendo em bairros desvalorizados de Londres na década de 1960, levando à transformação do perfil dos moradores.

A geógrafa Sandra Lencioni (2013, p. 29) afirma que a multacentralidade não é um produto das funções urbanas, mas dos investimentos imobiliários.

O geógrafo belga Mathieu Van Criekingen (2007) define dois tipos de gentrificação – residencial e de consumo –, que levam à produção glamourizada do espaço através da maior sofisticação dos ambientes. O sociólogo Paulo Cesar Xavier Pereira (2016, p. 2) também pontua o esvaziamento do sentido da expressão gentrificação. Acredita ele que a sua associação, em âmbito global, a expressões como revitalização, remodelação, restauração ou renovação urbana acaba por retirar da categoria gentrificação a ideia de conflito social e de contradição.

A antropóloga de Barcelona Irene Sabaté Muriel (2019, p. 234), por exemplo, acredita que a utilização do conceito de maneira pouco delimitada acaba fazendo com que se trate como gentrificação algo que não guarda a característica de retorno das classes médias do subúrbio em direção das áreas centrais das cidades anglo-saxônicas.

<sup>1</sup>FERREIRA, A. **A gentrificação não é um efeito colateral**: complexificando o conceito, para revelar objetivos escuros. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/68912>. Acesso em: 20 jun. 2023.

RASCUNHO



**RASCUNHO**